



‘Pacificado’, mas em plena atividade

Sete anos depois de trazer para o Brasil a única Concha de Ouro que o país já recebeu em San Sebastián, Paxton Winters, estadunidense que fez do Morro dos Prazeres um lar, prepara novo projeto em solo carioca, com sua galera de periferia, enquanto finaliza um thriller humanista que se passa no Iraque. O Correio da Manhã adianta suas criações nas páginas 2 e 3

Um thriller social que quase se fez com celulares



Darren Aronofsky, realizador de 'Cisne Negro', é um dos produtores de 'Pacificado', que fez Paxton Winters desbravar um Rio pós-Olimpíadas, com o povo dos Prazeres

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Sete anos se passaram desde a vitória brasileira em San Sebastián com "Pacificado", na briga por um Concha de Ouro que, até hoje não ganhou uma companhia de CEP nacional. Em sete décadas e meia de história do festival espanhol, só o longa-metragem de Paxton Winters foi coroado com prêmio máximo da maratona basca: "Pacificado", de Paxton Winters, em 2019. Filmado no Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro, esse misto de drama e thriller transformou moradores da comunidade em parceiros de sua construção narrativa. Hoje ele pode ser visto no Disney+.

É possível que ele receba um parceiro mineiro. Nesta quinta-feira,



Bukassa Kabengele ganhou o prêmio de Melhor Ator em Donostia em 2019 por 'Pacificado'



Paxton Winters com a Concha de Ouro de 2019 por 'Pacificado'

Gabriel Martins tenta ampliar a lista de conquistas do Brasil em solo basco com "Vicentina Pede Desculpas", o primeiro representante nacional

desde a vitória de Paxton a disputar a competição oficial. Enquanto acompanha à distância a nova investida brasileira, Winters finaliza um

thriller de tons humanistas rodado integralmente no Iraque, com Garrett Hedlund (de "Na Estrada"), e começa a escrever com seus parceiros dos Prazeres uma nova história para filmar no Rio.

"É realmente difícil colocar em palavras a importância que San Sebastián teve. 'Pacificado' começou como um projeto muito pequeno, desenvolvido em conjunto com a comunidade do Morro dos Prazeres. Nem sequer tínhamos certeza de que encontraríamos financiamento, por isso estávamos preparados para fazer o filme com nossos smartphones, se fosse necessário", conta Winters ao Correio da Manhã.

O que nasceu dessa disposição artesanal acabaria projetado numa das vitrines mais cobiçadas da Europa. "Pacificado" saiu da 67ª edição do festival com três distinções: a Concha de Ouro, o prêmio de Melhor Ator para Bukassa Kabengele e o reconhecimento à fotografia de Laura Merians.

A escala da vitória modificou imediatamente o destino internacional de uma produção que havia sido concebida quase no corpo a corpo com a favela. "Já ficamos

eufóricos apenas por termos sido selecionados para o festival, quanto mais para a competição. Então, ganhar não um, mas três grandes prêmios do júri foram uma conquista extraordinária, não apenas para a equipe, mas para a vida do filme", recorda o diretor, que filmou "Crude", na Turquia, em 2003, e mudou-se para o Brasil, com quase 40 anos, vivendo parcialmente no Morro dos Prazeres, onde ainda tem uma casa.

"Quando você vence num festival importante como San Sebastián, de repente o mundo inteiro passa a se interessar em ver seu filme. Começam a chegar convites de muitos outros grandes festivais, e a repercussão dos prêmios na imprensa também dá um impulso enorme à produção. Isso mudou completamente a trajetória de 'Pacificado'."

A lembrança mais afetiva de Winters, porém, não cabe numa estatueta. Está associada ao tamanho que aquela pequena experiência dos Prazeres ganhou quando chegou ao País Basco. "Primeiro, havia a dimensão da tela e do cinema. Quero dizer, aquela sala comporta algo como 2 mil pessoas. É realmente incrível. Depois da projeção, o público



O realizador nos bastidores de uma cena de 'Pacificado' com Débora Nascimento e Cássia Gil no calçadão de Copacana

“‘Pacificado’ começou como um projeto muito pequeno, desenvolvido em conjunto com a comunidade do Morro dos Prazeres. Nem sequer tínhamos certeza de que encontraríamos financiamento, por isso estávamos preparados para fazer o filme com nossos smartphones, se fosse necessário”

PAXTON WINTERS



Paxton Winters e Maga no Morro dos Prazeres, onde o cineasta tem casa até hoje



Hoje na Disney+, 'Pacificado', com Cássia Gil, marcou de vez a brasilidade do estadunidense Paxton Winters

forma uma fila e aplaude os realizadores enquanto eles saem. Foi extremamente emocionante para toda a nossa equipe. A maioria de nós estava chorando. É um daqueles momentos que você nunca esquece.”

Rodado num Rio ainda marcado pelos rastros das Olimpíadas de 2016, “Pacificado” observa a tentativa de reconstrução de uma família pela ótica de Tati (Cássia Gil), menina criada pela mãe, Andréa (Débora Nascimento), e pela bisavó Dona Preta, vivida pela saudosa Léa Garcia. A rotina das três é sacudida pela saída de Jaca (Bukassa Kabengele) da prisão. Ex-chefe do tráfico e pai que Tati praticamente não co-

nheceu, ele retorna aos Prazeres tentando estabelecer outra relação com a filha e, sobretudo, encontrar uma existência possível fora do circuito que o levou ao cárcere.

Laura Merians fotografou esse processo procurando os olhos dos personagens. Seu trabalho transformou a geografia da comunidade em estado emocional e assegurou um dos três prêmios conquistados pelo filme em San Sebastián. Darren Aronofsky, diretor de “Cisne Negro” e “A Baleia”, integrou o time de produtores de uma obra cuja dimensão internacional jamais apagou sua raiz carioca. Ao contrário: para Winters, o processo de realiza-

ção nasceu justamente da convivência com os Prazeres.

É por isso que a presença de “Vicentina Pede Desculpas” na competição deste ano produz um eco particular. Gabriel Martins, diretor de “Marte Um” (2022), chega a San Sebastián com outra cinematografia construída a partir da periferia brasileira.

Produzido pela Filmes de Plástico, coletivo surgido em Contagem, Minas Gerais, seu novo longa é estrelado por Rejane Faria como uma professora aposentada de 75 anos que procura as famílias das vítimas de um acidente de ônibus no qual seu filho morreu. A jornada começa

quando aparecem suspeitas de que ele próprio teria provocado deliberadamente a queda do veículo de um viaduto.

Winters conhece e admira o trabalho de Martins e evita assumir a posição de veterano disposto a ensinar o caminho das pedras ao brasileiro que agora entra no páreo pela Concha. “Para ser sincero, hesito em dar qualquer conselho ao Gabriel, porque ele e sua equipe são cineastas excelentes. Sou um grande admirador do trabalho deles e do espírito coletivo com que fazem cinema”, diz Winters. A única advertência diz respeito ao turbilhão emocional provocado pela competição: “Estar

concorrendo é incrivelmente empolgante, mas também pode ser um pouco estressante. Eu diria apenas para ele tentar conhecer o maior número possível dos outros cineastas em competição, porque isso ajuda a fazer com que a experiência deixe de girar apenas em torno da disputa.”

Há também recomendações menos solenes. Winters sugere a Martins aproveitar a gastronomia de San Sebastián e a beleza de uma cidade litorânea na qual identifica até parentescos afetivos com o Rio de Janeiro. “É uma cidade muito bonita e, como o Rio, tem praias ótimas. Uma delas tem até um Cristo olhando para ela. Mas, acima de tudo, eu diria para tentar aproveitar cada momento. Tudo passa incrivelmente rápido. E, por último, quero desejar boa sorte a ele e a toda a equipe.”

Enquanto “Vicentina Pede Desculpas” entra em campo para tentar aumentar a representação brasileira na galeria da Concha de Ouro, Winters trabalha numa geografia radicalmente distante daquela que lhe deu o troféu. Seu próximo longa foi rodado integralmente no Iraque e tem Garrett Hedlund, de “Tron: O Legado” (2010) e da série “Tulsa King” (2022-2026), no elenco. O diretor acaba de concluir uma nova montagem e espera iniciar agora a trajetória internacional da produção.

“É sobre um sargento americano que se vê prisioneiro na casa de um jovem iraquiano que começa a se envolver com a insurgência, para horror do pai e da irmã desse rapaz”, explica. O desenho inicial de filme de guerra, porém, é progressivamente desmontado pela mudança do ponto de vista. “À medida que a história avança, a perspectiva se desloca lentamente para incorporar a experiência da família iraquiana. Quando as circunstâncias obrigam todos a fugir juntos na velha van da família, o thriller de guerra transforma-se numa jornada tensa e profundamente humana, na qual as fronteiras entre inimigo e aliado, captor e prisioneiro começam a se confundir.”

A possibilidade de regressar a San Sebastián com o novo trabalho provoca uma resposta bem-humorada: “Veremos! Acabamos de terminar uma nova montagem do filme e, obviamente, adoraríamos levá-lo para lá”.

Mas a geografia que transformou a carreira de Paxton Winters continua a puxá-lo de volta. O cineasta mantém sua casa no Morro dos Prazeres e prepara, ao lado de Maga, seu parceiro de escrita na comunidade, um novo roteiro para ser filmado outra vez naquele território. “Estamos muito entusiasmados com esse projeto, porque é uma história contada a partir de uma perspectiva que nunca vimos desta maneira antes”, antecipa.

É um retorno que fecha um círculo sem encerrá-lo. “Pacificado” é só início de uma epopeia criativa de Winters com a cidade.

‘Se Eu Fosse Vivo... Vivia’ conquista o Cadango



Cinema mineiro sai em destaque da 59ª edição do Festival de Brasília, que também consagrou o .doc ‘Tudo é Tempo’ no júri popular e teve recorde de participação

REYNALDO RODRIGUES

O cinema mineiro saiu da 59ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro com motivos para comemorar. “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”, de André Novais Oliveira, foi escolhido pelo júri oficial como o melhor longa-metragem da Mostra Competitiva Nacional e levou o Troféu Candango para casa. Entre os curtas, o prêmio principal ficou com Cana, de Daniel Rone e Guilherme Xavier Ribeiro. A edição terminou com 34.810 pessoas circulando pelas atividades do festival ao longo de nove dias.

Para André Novais Oliveira, a premiação reforça uma relação antiga com o Festival de Brasília. Este foi o quarto longa do diretor mineiro apresentado no evento e o segundo a conquistar o prêmio de melhor filme, depois de Temporada, em 2018. “Se Eu Fosse Vivo... Vivia” ainda venceu nas categorias Melhor Roteiro e Melhor Figurino. Conceição Evaristo e Norberto Novais Oliveira, protagonistas da produção, receberam Menção



Janine Moraes/Divulgação

OS PRINCIPAIS PREMIADOS

Melhor Longa-Metragem:

Júri Oficial: Se Eu Fosse Vivo... Vivia, de André Novais Oliveira (MG)

Melhor Longa-Metragem (Júri Popular):

Tudo é Tempo, de Marcos Guttman (RJ)

Melhor Direção: Daniel Nolasco (GO), por Pequenas Tragédias

Melhor Roteiro: André Novais Oliveira (MG), por Se Eu Fosse Vivo... Vivia

Melhor Atriz: Martha Nowill, por Privadas de Suas Vidas (RS)

Melhor Ator: Guilherme Théo, por Pequenas Tragédias

Melhor Atriz Coadjuvante: Aivan, por Pequenas Tragédias, e Olivia Torres, por Privadas de Suas Vidas

Melhor Ator Coadjuvante: Lucas Leto, por Todo o Sentimento (BA)

Melhor Fotografia: Victor de Melo, por Sabes de Mim, Agora Esqueça (DF)

Melhor Direção de Arte:

Juliana Lobo, por Privadas de Suas Vidas (SP)

Melhor Figurino: Diana Moreira, por Se Eu Fosse Vivo... Vivia (MG)

Melhor Trilha Sonora:

Daniel Nolasco, por Pequenas Tragédias

Melhor Edição de Som: Lucas Coelho, por Sabes de Mim, Agora Esqueça (DF)

Melhor Montagem:

Luciano Carneiro, por Pequenas Tragédias (GO)

Prêmio Abraccine – Melhor Longa-Metragem: Pequenas Tragédias, de Daniel Nolasco

Melhor Curta-Metragem (Júri Oficial): Cana, de Daniel Rone e Guilherme Xavier Ribeiro

Melhor Curta-Metragem (Júri Popular): Lagoa do Abandono, de Diego Maia

*Relação completa em <https://sl1nk.com/2flwxka>

Filme que marcou a estreia da escritora Conceição Evaristo como atriz, ‘Se Eu Fosse Vivo...Vivia’, de André Novais (abaixo), conquista o prêmio máximo



Honrosa pela atuação.

A noite também foi de destaque para “Pequenas Tragédias”, de Daniel Nolasco. O filme levou quatro Candangos: Melhor Direção, Melhor Montagem, Melhor Trilha Sonora e Melhor Ator, para Guilherme Théo. A produção também recebeu o Prêmio Abraccine de Melhor Longa-Metragem.

“Sabes de Mim, Agora Esqueça”, de Denise Vieira, ficou com Melhor Fotografia e Melhor Edição de Som. Privadas de Suas Vidas, de Gustavo Vinagre e Gurius Gewdner, venceu Melhor Direção de Arte e Melhor Atriz, para Martha Nowill. Olivia Torres, pelo mesmo filme, dividiu o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante com Aivan, de “Pequenas Tragédias”. Lucas Leto, de “Todo o Sentimento”, foi escolhido Melhor Ator Coadjuvante.

Se o júri oficial escolheu “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”, o público fez outra escolha. “Tudo é Tempo”, documentário de Marcos Guttman, foi eleito o melhor longa da Competitiva Nacional pelo Júri Popular. O filme também recebeu o Prêmio Especial do Júri e o Troféu Saruê, concedido pelo jornal Correio Braziliense. A Petrobras ofereceu ainda R\$ 30 mil à produção.

Nos curtas, Cana também teve uma noite movimentada. Além do prêmio principal, venceu Melhor Trilha Sonora, Melhor Ator, para Gerin Black, o Prêmio Abraccine e o Prêmio Canal Brasil. “Fundura”, de Catapreta, levou três troféus: Direção, Direção de Arte e Edição de Som. “Gastronomia do Olho”, de Nicolau, venceu Fotografia e Roteiro. Já “Futuro Decadance”, de Leviathan, ficou com Montagem, Figurino e Atriz.

O Júri Popular escolheu “Lagoa do Abandono”, de Diego Maia, como melhor curta. “Mariposa”, de Alexandre Américo e Pedro Victor, recebeu Menção Honrosa e o Prêmio Zózimo Bulbul de Melhor Filme Curta-Metragem. “Tiró e a Onça”, de Wera Poty, venceu o prêmio de Melhor Filme de Temática Afirmativa, concedido pelo Conselho Distrital de Políticas de Igualdade Racial (Codipir).

Na Mostra Brasília – 29º Troféu Câmara Legislativa do Distrito Federal, “Onde Moram os Irmãos”, de Marisa Mendonça, foi escolhido o melhor longa tanto pelo Júri Oficial quanto pelo Júri Popular. Entre os curtas, Dora, de Murilo Abreu, venceu pelo Júri Oficial, enquanto “Hacker Leonilia” foi o escolhido pelo público.

Na Mostra Caleidoscópio, o Prêmio Fipresci de Melhor Filme pela Crítica Internacional ficou com Os Fantasma Gentis, de Caetano Gotardo. O Prêmio Jean-Claude Bernardet, concedido pelo Júri Jovem da UnB, foi para Mulheres do Bando, de Thamires Vieira.

O festival homenageou ainda a atriz Julia Lemmertz, que recebeu o Troféu Candango de Conjunto da Obra; a cineasta Tata Amaral, contemplada com o Prêmio Leila Diniz; e a museóloga e conservadora audiovisual Fernanda Coelho, que recebeu a Medalha Paulo Emílio Sales Gomes.

Os longas vencedores das mostras competitivas ainda tiveram sessões de reprise no Cine Brasília no domingo (21), com entrada franca.



Carla Guidacci e Vanessa Pascale dão vida a duas mulheres cujas vidas se cruzam num corredor de supermercado em 'Cinco Minutos Sem Respirar'

As relações abusivas que estão entre nós

O corredor de um supermercado prestes a fechar pode ser um dos cenários mais solitários da vida

urbana: luz branca, prateleiras em reposição, o eco do carrinho no piso encerado. É nesse vazio de fim de expediente que duas mulheres se cruzam em “Cinco Minutos Sem Respirar”, a primeira encenação brasileira do texto do dramaturgo venezuelano Gustavo Ott — peça escrita originalmente em 2013 e já vertida para cerca de 15 idiomas. Em cartaz até domingo (27) no Mezanino do Sesc Copacabana, a montagem tem direção de Danielle Martins de Farias e atuações de Carla Guidacci e Vanessa Pascale.

O encontro das duas personagens — de trajetórias distintas, que não se conhecem, começa na lógica do realismo para gradualmente abandoná-la. O tempo se fragmenta, a memória ganha presença física, e a noite que deveria terminar na fila do caixa se desdobra em cinco versões possíveis, cada uma revelando memórias, medos, desejos e contradições diferentes.

A estrutura de labirinto propõe ao espectador o deslocamento da

Primeira encenação de texto do dramaturgo venezuelano Gustavo Ott no Brasil desmonta o maniqueísmo associado à violência de gênero

própria realidade, como se perguntasse o que restaria de uma história se repetida com pequenas inflexões, mas o que fica é o retrato íntimo de duas mulheres que não se submetem aos rótulos que a sociedade lhes tenta impor.

Ao se tratar temas como a violência de gênero, cair no maniqueísmo é um risco constante: vítima de um lado, algoz do outro e a moral da história. Danielle explica que a montagem evita esse caminho tanto que uma das personagens sofre violência doméstica, mas também participa, por meio do próprio trabalho, de uma estrutura de violência econômica. A outra naturalizou o gesto de cuidar dos demais e assumir responsabilidades alheias até que isso se tornasse o eixo de sua vida.

“Aqui as personagens não são simplesmente boas ou más, vítimas ou algozes. Essa contradição nos interessa muito. Ela nos faz pensar sobre como estamos inseridos em

“Aqui as personagens não são simplesmente boas ou más, vítimas ou algozes. Essa contradição nos interessa muito”

DANIELLE M. DE FARIAS

estruturas de violência que muitas vezes não percebemos ou naturalizamos”, afirma a diretora.

O gesto mais ambicioso do texto de Ott, inclusive, é aproximar dois universos aparentemente apar-

tados — o banco e o supermercado — para mostrar como dinheiro, trabalho, dívida e consumo atravessam as relações interpessoais e o afeto. A violência deixa de ser assunto do âmbito privado, de marido e esposa atrás de uma porta, e passa a ser lida também como produto de estruturas sociais que geram aprisionamento.

Não por acaso, a pesquisa da Notória Companhia sobre opressões cotidianas — que já havia produzido “Dois Amores e Um Bicho”, montagem dedicada à homofobia — encontra aqui seu capítulo mais incisivo sobre os mecanismos discretos com que o poder se infiltra na vida de quem menos tem margem para resistir à sua força.

Para aproximar o texto do venezuelano do contexto brasileiro, a montagem incorporou ao processo novos materiais, como depoimentos reais e poemas de mulheres brasileiras. O trabalho colaborativo articu-

la corpo, espaço, palavra, música e imagem em torno das subjetividades femininas. Há uma aposta clara na experiência estética como forma de pensamento — o público não recebe conclusão embrulhada, mas cinco finais possíveis para uma mesma noite, e a incômoda sensação de que qualquer um deles poderia ser o seu.

“Os números da violência contra a mulher mostram a urgência do tema, mas nosso interesse não é ilustrar estatísticas. O teatro permite acompanhar essas personagens de maneira íntima e perceber como as relações abusivas atravessam o cotidiano. Ao mesmo tempo, queremos olhar para as estruturas econômicas e sociais que também produzem formas de aprisionamento”, completa Danielle.

SERVIÇO

CINCO MINUTOS SEM RESPIRAR

Mezanino do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 27/9, quinta e sexta (20h30)
| sábado e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 40, R\$ 36 (conveniados); R\$ 31 (conveniados empresário); R\$ 28 (sócio Sesc); R\$ 20 (meia); e grátis (PCG)

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O ônibus-biblioteca já recebeu cerca de 520 mil visitantes no RJ

Fliduc recebe ônibus-biblioteca

O Ônibus-Biblioteca Livros nas Praças participa da primeira edição da Festa Literária de Duque de Caxias, a Fliduc, de quarta a sábado (23 a 26), das 8h às 20h, no Centro Cultural Oscar Niemeyer, na Praça do Pacificador, no Centro de Duque de Caxias. Durante os quatro dias de evento, o veículo estará aberto ao público com empréstimo gratuito de livros.

Criado em 2012, o projeto

transforma ônibus adaptados em bibliotecas itinerantes: os três veículos já passaram por 61 comunidades do estado recebendo cerca de 520 mil visitantes leitores.

A Fliduc oferecerá atividades relacionadas à literatura, música, comunicação e audiovisual, com a presença de autores como Conceição Evaristo, Djamilá Ribeiro, Bia Bedran, Milton Cunha e Luiz Antônio Simas.

Visita guiada gratuita

Para fechar setembro, o Teatro Riachuelo Rio promove nova edição do projeto Visita Guiada, nesta sexta (25), às 14h. A experiência convida o público a percorrer os bastidores e a história do teatro por meio de dramaturgias criadas para revelar curiosidades sobre o teatro e o edifício histórico que abriga a casa de espetáculos. Inscrição via Google Forms com link no bio do Instagram do teatro.

Sting inspira .doc

O ator, ativista social e ambiental Sting tem sua carreira revisitada no inédito documentário “Sting: A Música em Constante em Evolução”, que estreia nesta segunda-feira (21) no canal Curta! e está disponível no CurtaOn – Clube de Documentários.

Sting inspira .doc II

Produzido pela EM Productions e com direção de Angelica Butcher, o filme apresenta a personalidade e a intimidade de Sting ao resgatar sua trajetória. E mostra que o sucesso conquistado por sua música deu a Sting algo maior que fama em si.

Intervenção na Zona Portuária

Os artistas Rero e Gugie Cavalcanti realizam uma colaboração inédita em arte urbana na Zona Portuária. Em desdobramento da exposição Frequências Urbanas, que se despediu domingo (20) da Caixa Cultural RJ, os dois criaram a intervenção “Somos Logo Existo” na parede lateral do prédio da Avenida Rodrigues Alves, 135. A obra, com 540 m², será executada até domingo (26) dentro da programação da Semana de Arte do Rio.



O clipe da faixa premiada de Igor Viriato está disponível no canal do artista no YouTube

Do Cachambi para Tamil Nadu

Premiado em festival na Índia, cantor e compositor Igor Viriato prepara seu primeiro álbum autoral

Quando dizem que a arte não tem fronteiras, casos como o do cantor Igor Viriato provam que o ditado não é exagero. Sua canção “Diziam Pra Mim” foi premiada na categoria Best Music Video no Rohip International Film Festival, realizado em Tamil Nadu (Índia), além de ter sido indicado ao Comicon Filme Festival, na Itália, e aqui no Brasil ao prêmio de Melhor Clipe do Ano no MT Queer, consolidando uma temporada dos sonhos com esse reconhecimento internacional.

Cria do Cachambi, na Zona Norte carioca, Igor é formado em Artes Cênicas – Direção Teatral pela UFRJ, e começou sua relação com a arte no teatro, em que participou de musicais como “Mogli: O Musical”, “Frankestinho”, “Carioquinhas” e “Os Três Porquinhos Uai”. Além da atuação, ele também construiu uma carreira como diretor de teatro.

Na música, Viriato iniciou carreira em 2022 e construiu sua trajetória de forma independente. Sua identidade transita pelo pop e por histórias de amor, desamor e experiências pessoais. No momento, o cantor e produtor já soma mais de 100 mil plays nas plataformas digitais, nove lançamentos e quatro videoclipes. “Sempre tive a arte como uma forma de me comuni-

“O reconhecimento internacional mostra que um trabalho independente pode atravessar fronteiras e chegar a lugares que eu nem imaginava quando comecei”

IGOR VIRIATO

car e criar conexão com as pessoas. O reconhecimento internacional mostra que um trabalho independente pode atravessar fronteiras e chegar a lugares que eu nem imaginava quando comecei”, celebra.

Antes do sucesso de “Diziam Pra Mim”, o músico já havia conquistado outros reconhecimentos, como a indicação do single “Folha de Papel” a Melhor Videodança no Rio WebFest e a vitória de “Ser Com Você” como Melhor Clipe do Ano no MT Queer.

Dirigida por Pedro Bozan, com arranjo de metais de Jefferson Rino, a produção musical de “Diziam Pra Mim” reedita a parceria de Igor com Renan Martins, produtor de seu primeiro álbum. O novo single marca uma fase importante da carreira de Viriato ao apresentar uma sonoridade pop com referências ao rock brasileiro dos anos 70 e abordar as dificuldades dos relacionamentos contemporâneos, e de refletir sobre os desafios de se entregar novamente depois de experiências de frustra-

ção e desamor.

A faixa premiada é o primeiro do álbum que o cantor prepara para lançar no início do ano que vem, quando completa cinco anos de carreira. O projeto terá produção de Renan Martins, que já trabalhou com artistas como Jorge Vercillo, Ludmilla, Alcione, Martinho da Vila e Péricles, e coprodução de Paulo Arthur. “Agora meu principal objetivo é transformar tudo o que construí nesses primeiros anos em uma carreira cada vez mais sólida. Quero lançar o álbum, conquistar um público fiel e finalmente levar esse repertório para os palcos em um show próprio”, comenta o cantor.

O videoclipe representa uma das maiores produções da trajetória independente do artista e foi inscrito em mais de 50 festivais e premiações internacionais. As conquistas internacionais são apenas o início de um sonho que parece não ter limites. O videoclipe está disponível no YouTube.

Por Pedro Sobreiro

O vinho transparente

Nova regra da UE obriga vinícolas a revelar ingredientes e nutrientes em QR Code de seus rótulos

AFFONSO NUNES

Calma, leitor! Não é isso que você está pensando... É que a União Europeia colocou em vigor este ano um novo pacote de regras de rotulagem que muda a relação entre o consumidor e a garrafa de vinho. Pela nova legislação, que padroniza as informações em todo o bloco, os produtores passam a ser obrigados a declarar, no rótulo físico, o valor energético da bebida e a presença de alergênicos. Nos espumantes, também se tornou obrigatória a indicação do teor de açúcar.

A lista completa de ingredientes, aditivos e a ficha nutricional detalhada, porém, deixou de ocupar espaço na garrafa: passa a ser acessada por meio de QR Codes



Com a adoção do QR Code, os consumidores passam a ter real acesso a todos os componentes dos vinhos europeus

impressos no rótulo. A medida faz parte de um esforço regulatório para aumentar a transparência sem comprometer o espaço cada vez mais disputado das garrafas.

E há uma salvaguarda importante para o consumidor: os códigos não poderão ser usados para fins publicitários nem para a coleta de dados pessoais. Na prática, o QR Code funciona como um

documento digital do vinho.

A legislação também organiza um mercado que crescia de forma desordenada: o dos vinhos com pouco ou nenhum álcool. Ficaram padronizadas, em todo o blo-

co, as definições de “sem álcool”, “desalcoolizados”, “parcialmente desalcoolizados” e “reduzidos em álcool”. Outra mudança relevante permite que vinhos com denominação de origem protegida mantenham a indicação geográfica mesmo após o processo de desalcoolização, desde que cumpram as novas exigências. Regiões históricas, como Champagne, Bor-

gonha e Bordeaux, podem assim usar seus nomes em versões sem álcool — algo impensável até pouco tempo atrás.

Para o consumidor, o impacto é profundo. O vinho era a última grande bebida da mesa a manter seus segredos: sabe-se de onde vem, mas raramente o que há dentro. Pesquisa da Vivino, plataforma global de vinhos, feita com 1.800 consumidores, mostrou que 85% escolhem seus vinhos com base na aparência do rótulo. A nova regra desloca esse eixo. Claro que o design continua sendo o cartão de visitas, mas a verdade passa a morar atrás do código. Em poucos segundos, é possível conferir aditivos, calorias e o teor alcoólico real antes de comprar.

Há, claro, desafios. Consumidores menos familiarizados com tecnologia, idosos e clientes de restaurantes que não querem “trabalhar” o rótulo podem ficar em desvantagem diante da camada digital de informações. A inclusão, portanto, torna-se parte do novo papel dos sommeliers e do comércio especializado: traduzir essa camada para quem prefere não escanear.

No balanço, o que a UE fez foi tirar o vinho do pedestal e tratá-lo como qualquer outro alimento: rótulo honesto. O prazer, a história e o terroir continuam na taça. O que muda é que, agora, o consumidor não decide mais às cegas.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR A F F O N S O N U N E S



Mais um Café Cultura

O Café Cultura acaba de abrir uma nova unidade no BarraShopping, na Barra da Tijuca. Em formato de quiosque, no nível Lagoa, o espaço tem 54 lugares e foi pensado para momentos de pausa e encontros. A proposta combina cafés especiais, conforto e um ambiente acolhedor para aproveitar a experiência com calma. No cardápio, a marca aposta na qualidade dos grãos e em opções para diferentes momentos do dia. Um novo endereço para quem gosta de transformar a pausa para o café em um momento especial.



Forno italiano

O Forno Paradiso acaba de abrir as portas no BarraShopping, proporcionando uma experiência inspirada no filme “Cinema Paradiso”. Em 760 m2, o espaço recria uma pequena cidade italiana e reúne sete estações gastronômicas. À frente da cozinha aberta, Aline Cury comanda um cardápio de massas frescas, pizzas de fermentação natural e outras especialidades. Entre os destaques estão o pappardelle com ragu de costela e o casoncelli de bobó de camarão. Pães artesanais, embutidos, conservas e sobremesas também fazem parte da viagem.



Joias à mesa

O Pobre Juan recebe, nos dias 28 e 29, o Joyas a la Mesa, jantar especial que celebra o raro Jamón Joselito Vintage. A experiência terá menu assinado pelo chef Geraldo Ribeiro e corte ao vivo da mestre-jamonera espanhola Raquel Acosta. O percurso gastronômico vai do Joselito Gran Reserva, com mais de 48 meses de cura, ao Vintage, com mais de 96 meses. Nas taças, cinco rótulos do universo Tempos Vega Sicilia acompanham as diferentes etapas do menu. O jantar custa R\$ 1.394 por pessoa com reservas pelos WhatsApps (21) 97648-6850.

SEGUNDA **NO 2**por
**FERNANDO
MOLICA**

O credo cantado por Fabiana Cozza

Wallace Mendonça/Divulgação



Cleber Silveira e Fabiana Cozza em show, no Teatro Rival, no Rio, inspirado na obra da poeta Orides Fontela

Classificar Fabiana Cozza de eclética seria uma forma preguiçosa de classificar a cantora que desde seu primeiro CD, “O samba é meu dom”, de 2004, mantém-se fiel a um trabalho original e que gira em torno de sua própria personalidade artística.

Por mais diferenciado que seja seu repertório, como no caso do apresentado em seu show mais recente, “Nunca crer no que não canta”, Fabiana, ao longo de sua carreira, teceu uma espécie de rede que estabelece ligações entre seus diferentes álbuns.

Longe de querer domar as canções, Fabiana deixa claro que, ao interpretá-las, estabelece uma coautoria, desenha novos parâmetros para o que havia sido escrito. Não impõe limites, apresenta novos desafios.

Assim, sucessos do universo pop, popularizados por Marina Silva, Lulu Santos, Angela Roro, Edith Piaf e Tim Maia não representam qualquer tipo de choque

Fabiana Cozza,
ao longo de sua
carreira, teceu
uma espécie
de rede que
estabelece
ligações entre
seus diferentes
álbuns

ou contradição com a trajetória de uma cantora que tem no samba a grande referência do seu trabalho.

Ela e o acordeonista Cleber Silveira fazem uma espécie de roda de altinha, aquele esporte praticado nas praias. E tome de levantadas, cabeçadas, toques de peito — no palco, os dois não deixam a bola cair, apesar dos muitos efeitos nela aplicados.

Foi também com base nesse eixo em torno do qual constrói

sua carreira que, em 2017, Fabiana lançou “Ay, amor!”, álbum em que interpreta canções popularizadas pelo cubano Bola de Nieve (1911-1971), coletânea que, assim como os CDs em que Jamelão canta Lupicínio Rodrigues, deveria requerer licença médico-psicológica para ser ouvida.

No caso de Fabiana, o samba é ponto de partida e companheiro inseparável de viagem, mas não representa o único destino possível. É como se, de vez em quando, ela decidisse dar um passeio, mandasse um vou ali e volto já.

Idas que nem de longe representam uma espécie de abandono, mesmo que temporário. O samba está sempre por perto, o GPS da cantora nunca sai do ar, seu norte é bem definido.

Dona de uma grande extensão de voz, Fabiana não teme o risco dos agudos e, contralto, passeia pelo graves como — para usar a expressão de Neném Prancha sobre Didi — quem chupa laranja. Melhor: sua técnica e sua afinação apuradíssimas, fazem

parecer ser fácil o resultado de muito trabalho.

Inspirado na obra da poeta Orides Fontela (1940-1998), homenageada na última Flip, “Nunca crer no que não canta” é um espetáculo que explora a dramaticidade de Fabiana, elemento ressaltado pelo acordeon de Silveira, que multiplica sons, projeta percussões e chega a remeter ao bandoneon.

Este caráter dramático é, porém, contido, em nenhum momento ameaça suplantiar o canto. (No palco, Fabiana diz que, a conselho de amigo, amenizou o repertório, nele introduziu canções mais leves.)

Os poemas de Orides que ela recita ao longo do show servem de contraponto e complemento às canções, ajudam a frisar aspectos mais delicados dos sucessos que, no palco, ganham significados mais eloquentes. Cria-se assim uma tensão, um puxa-estica que evolui de maneira firme e delicada pelo palco e transborda pela plateia, um credo que se canta.